



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 24, v. 1
jan.-dez. 2026
p. 107-132

Um breve estudo sobre a não monogamia na contemporaneidade

(A brief study of non-monogamy in contemporary times)

(Un breve estudio sobre la no monogamia en la contemporaneidad)

Leonardo Feijó¹

RESUMO: O objetivo desse ensaio não é apenas apresentar formas alternativas de se amar – para além da monogamia –, mas elaborar uma investigação minuciosa na reflexão psicanalítica sobre relacionamentos e sobre o desejo, prazer/orgasmo feminino dentro da não monogamia. Esse texto problematiza o mito do amor romântico como única forma de amar e aponta novos rumos e caminhos para a conjugalidade, oferecendo novos arranjos matrimoniais, levando em conta o *modus operandi* do sujeito da cultura na contemporaneidade. A não monogamia torna-se um catalisador para o autocrescimento/autoconhecimento afetivo, a construção de uma sólida inteligência emocional e a realização pessoal como uma forma de se aprofundar na compreensão do desejo por si e pelo outro. Esse ensaio é de suma importância para se investigar os processos – intra e inter – subjetivos nos relacionamentos amorosos alternativos da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: relações livres; poliandria; polifidelidade; desejo feminino; desigualdades de gênero.

Abstract: The aim of this article is not only to present alternative forms of love – different arrangements for falling, being and staying in love, beyond monogamy –, but also to conduct a thorough investigation into the psychoanalytic reflection on relationships and female desire, pleasure/orgasm within non-monogamy. This scientific essay problematizes the myth of romantic love as the only form of love and points to new directions and paths for conjugality, offering new marital practices, taking into account the *modus operandi* of the contemporary times. Non-monogamy becomes a catalyst for self-growth/affective knowledge, the construction of a solid emotional intelligence and personal fulfillment/satisfaction as a way to deepen the understanding of desire for oneself and for the other(ness). This scientific essay is of utmost importance to investigate the – intra and inter – subjective processes in contemporary and alternative love relationships.

Keywords: free relationships; polyandry; polyfidelity; female desire; gender inequalities.

Resumen: El objetivo de este artículo no es solo presentar formas alternativas de amar – más allá de la monogamia –, sino también llevar a cabo una investigación minuciosa sobre la reflexión psicoanalítica acerca de las relaciones y el deseo, placer/orgasmo femenino dentro de la no monogamia. Esta investigación cuestiona el mito del amor romántico como la única forma de amar y señala nuevos rumbos y caminos para la conyugalidad, ofreciendo nuevos arreglos matrimoniales, teniendo en cuenta el *modus operandi* del sujeto de la cultura en la contemporaneidad. La no monogamia se convierte en un catalizador para el auto crecimiento/conocimiento afectivo, la construcción de una sólida inteligencia emocional y la realización personal como una forma de profundizar en la comprensión del deseo por uno mismo y por el otro. Esta investigación es de suma importancia para investigar los procesos –intra e inter – subjetivos en las relaciones amorosas alternativas de la contemporaneidad.

Palabras clave: relaciones libres; poliandria; polifidelidad; deseo femenino; desigualdades de género.

¹ Doutorando na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: leofeijo28@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 02/02/2024
Aceito em 12/12/2025

1 Introdução

Apesar de a não monogamia ser um modelo de relação que existe desde os primórdios dos tempos – entre os indivíduos nômades – até a Grécia Antiga, só na última década do século XX que o assunto voltou à tona nas pesquisas científicas e também no interesse popular – especialmente entre a geração Z, para qual a ideia de não se prender a rótulos torna-se muito atrativa. Vale observar que a monogamia começou a se propagar entre as civilizações à medida em que o ser humano se fixa em um único local. Lins (2017) observa ainda que a monogamia nasceu para aprisionar e domesticar mulheres:

a exigência de exclusividade surgiu há aproximadamente 5 mil anos, com a propriedade privada – ‘minha terra’, ‘meu rebanho’. O homem ficou obcecado pela certeza de paternidade porque não admitia correr o risco de deixar a herança para o filho de outro. A mulher só ter relações sexuais com ele era fundamental [no âmbito financeiro e afetivo]. A partir de então a esposa passou a ser sempre suspeita, uma adversária que requeria vigilância absoluta (Lins, 2017, p. 101).

De acordo com a matéria do Jusbrasil (2022) de Padilha, quando o homem pede o divórcio, a principal motivação é a infidelidade feminina. Curiosamente, isso não acontece quando é a mulher que toma a iniciativa da separação. Isso ocorre porque a traição masculina sempre foi mais aceita socialmente². E se esse momento de infidelidade, tão comum aos casais monogâmicos, fosse considerado como um *insight* potencialmente positivo a ser trabalhado e não necessariamente um sinal de ruína da relação? Essa indagação é o nosso ponto de partida para discutir a não monogamia, ao entrarmos no campo da ambiguidade do desejo, ciúme e da polifidelidade. Com isso, apresenta-se a seguinte questão: será que a não monogamia poderia ser uma forma de se libertar dos papéis de gênero com mais autoridade e independência do que na monogamia? Uma vez que qualquer tríade envolva outros manejos de tarefas domésticas e funções sociais que questionam o *status quo*; é possível pensar numa relação mais igualitária – ou em outras formas de equidade. Será também uma forma dos homens se reformularem perante a questão da infidelidade e seus vínculos territorialistas de posse e controle, como sentem na monogamia? Como livrar o prazer da culpa, imposta pelas normas sociais? E a potência do desejo e o lugar do feminino?³ Antes de tudo, o sujeito poliamoroso tem que ser um especialista no cuidado e na lealdade para com a alteridade. A infidelidade não está apenas nas traições ou microtraições, e sim no ato de esconder vontades e reprimir fetiches ou sexualidades, na falta de parceria, no não desabafo, na intimidade não

2 “mulheres têm a iniciativa do divórcio em cerca de 70% dos casos”, além do aumento quase triplicado do fenômeno conhecido como “divórcio cinza”, com maior índice de separação entre casais com 50 anos ou mais (5 coisas [...], [2022]).

3 O livro *As mulheres primeiro* de Kerner (2020) conclui que “mais de um terço dos participantes admitem que ter um relacionamento aberto era sua fantasia sexual favorita e 80% queria agir de acordo com isso”. Afirma-se ainda que as mulheres heterossexuais lideram o desejo de abrir a relação.



compartilhada – como segredos no liquidificador de Cazuza.

O objetivo geral deste ensaio é investigar a conjugalidade não monogâmica como alternativa à monogamia tradicional e discuti-la interseccionado às opressões sociais, como processo de colonização do corpo e desejo das mulheres e das violências de gênero. Em contraponto, a não monogamia poderia ser entendida como novas formas de atingir o prazer feminino. Os objetivos específicos são: identificar os arranjos conjugais dentro do leque da não monogamia e aprofundar o estudo sobre o ciúme como potencializador desejante dentro da noção de infidelidade, polifidelidade, ambivalência, poliandria, emancipação etc. Afinal, o que faz cada vez mais casais contemporâneos desacreditarem na monogamia – aliado a um crescente exponencial das relações não monogâmicas?

2 Definindo não monogamia

O termo “não monogamia” ganha relevância como conceito teórico e prático principalmente no contexto da libertação sexual e das teorias feministas e *queer*⁴ a partir das décadas de 1970 e 1980. Na década de 1990 e 2000, obras como *The ethical slut* (1997), de Easton e Hardy e *Polyamory in the 21st century* (2010) de Anapol popularizaram o termo referente às práticas LGBTQIAPN+ em contextos acadêmicos. De acordo com Perez e Palma (2018), o termo original da palavra *polyamory* surgiu nos Estados Unidos, em 1990 no Glossário de Terminologia Relacional escrito pela Igreja de Todos os Mundos, instituição neopagã. Nesse contexto, a palavra ficou inicialmente restrita a um público específico, tendo sido criada, mas não desfrutando de circulação suficiente para tornar-se referência. O artigo (Perez; Palma, 2018, p. 4) também menciona Pilão (2015), que compara o contexto brasileiro com o norte-americano e europeu ao perceber “[...] a prevalência dos valores de liberdade e espontaneidade no poliamor brasileiro, enquanto entende que os estudos nos Estados Unidos e Europa apontam para os valores de compromisso, responsabilidade e negociação”.

Como a “não monogamia” é um termo guarda-chuva bem amplo⁵ que abarca diversos conceitos relacionais em diferentes nacionalidades e núcleos socioeconômicos, deve-se fazer um esforço de diferenciá-los no contexto desse ensaio; em relação a ambivalência do desejo – em especial o feminino –, a ambiguidade monogâmica nas identidades conjugais e a relativização da

4 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e muito mais.

5 De forma geral, pode-se definir várias formas de não monogamia como o poliamor: relacionamentos consensuais em que todas as partes podem ter múltiplas conexões emocionais e/ou românticas simultâneas; o relacionamento aberto: os parceiros têm liberdade para interações sexuais fora do casal, mas mantêm um compromisso romântico ou emocional exclusivo; o *swing*: troca de parceiros para encontros sexuais consensuais, geralmente em um contexto comunitário ou de evento; e relacionamentos não exclusivos: relacionamentos em que não há exigência de exclusividade sexual ou romântica, mas que podem não envolver acordos formalizados.



infidelidade.

De acordo com Pilão (2015), o movimento das Relações Livres (RLi) é o único grupo de não monogamia originalmente elaborado no Brasil (anos 2000), e vai reatualizando suas definições e diferenciações conforme a sociedade e os conceitos avançam em termos afetivos e românticos, como no exemplo da agamia⁶. De acordo com a etimologia da palavra grega: a letra “a” seria um sufixo de negação, enquanto o termo “gamos” representaria a ideia de “união íntima”. Portanto é uma prática que se baseia na falta de interesse de um indivíduo em firmar um relacionamento romântico com outra pessoa – o que anularia também as iniciativas de casamento⁷ ou até mesmo as relações com a parentalidade. Segundo essa perspectiva, o amor não seria um sentimento ou forma de inteligência emocional, mas uma ideologia política que dita/doutrina os arranjos conjugais, limitando assim nossa autonomia dos próprios desejos e independência nos laços afetivos. O casal seria, então, uma espécie de estrutura desnecessária. Os adeptos dessa ideologia não concebem o “estar solteiro” como um período de transição, mas sim de transformação do *elan vital*. A busca por um parceiro – seja poliamoroso ou não – é vista como um condicionamento limitante do desenvolvimento intrapsíquico do sujeito. Mas até que ponto esse movimento seria uma forma de evitar um diálogo transparente sobre os traumas, bagagens emocionais, defeitos alheios e a resistência em aceitar experiências passadas, tolerar os inevitáveis fracassos da relação ou um comprometimento afetivo?

A princípio não há um consenso sobre a não monogamia como sendo uma prática ou orientação de relacionamento, filosofia, estado de espírito, teoria, “love/life style”, identidade psicossocial/sexual etc... mas há três termos principais. No relacionamento aberto – casamento ou namoro –, por exemplo, há exclusividade afetiva, mas com possíveis encontros casuais envolvendo terceiros⁸. Ou este pode vir a fazer parte da relação, formando assim um trisal, que pode ser uma relação tanto aberta como fechada. Em contrapartida, no amor livre há a liberdade para amar quem quiser, ainda que se esteja em uma relação fixa com outra pessoa. Já o poliamor é o conceito mais liberal dos dois acima, envolvendo mais de duas pessoas com vínculos fixos na relação, numa espécie de *amoreba* (ameba do amor), podendo ter múltiplas conexões amorosas feitas de forma simultânea – fora dos vínculos. Em *Novas formas de amar*, Lins (2017) explica

6 “Nerea Pérez de las Heras, relata em seu programa que a agamia é uma forma de microfeminismo. – É a substituição da hierarquia de afetos que vem sendo imposta a nós pelo patriarcado e que coloca o casal heterossexual acima de tudo. Pelo contrário, coloco os meus amigos como o centro do meu núcleo de apoio e comunicação”. Um arranjo conjugal que se assemelha com a anarquia relacional (Ziccardi, 2024).

7 Segundo a matéria do jornal da Universidade de São Paulo (USP) de 2024, uma pesquisa de 2023 feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que “o número de pessoas solteiras no Brasil era de 81 milhões, em contrapartida às casadas, que somam 63 milhões” (Capomaccio, 2024).

8 Seria o caso do swing, já que esses casais estão abertos apenas a trocas sexuais, mas não amorosas.



que a relação poliamorosa é a forma mais autônoma em termos sexuais e afetivos, pois não é necessária a “permissão” dos parceiros para novas relações – com todos se envolvendo de forma íntima ao mesmo tempo, no mesmo nível de importância. Em contrapartida, o relacionamento aberto é a dimensão mais conservadora da não monogamia, e pode-se especular que seria uma espécie de monogamia flexibilizada, pois tirando a parte sexual, ainda prevalecem todas as regras e mecanismos de controle característicos de um casamento tradicional, que cerceia a liberdade afetiva comum a todos nós. É o que os americanos chamam/cunham de *monogamish* (quase monogâmico).

Pilão (2015) resume bem essas três diferenças essenciais: “a) ‘relação em grupo’ – todos se relacionam entre si; (b) ‘rede de relacionamentos interconectados’ – cada pessoa da relação tem outros relacionamentos distintos; e (c) ‘relação mono/poli’ – casal em que um é poliamorista e outro não, por opção”⁹. Em suma, essas estruturas em aberto abrem alas para que cada relacionamento pense de forma singular seu próprio sistema afetivo. Cada um cria sua forma de se relacionar com o outro, sem estigmas sociais ou padrões preestabelecidos. O amor como troca exige uma manutenção diária no comprometimento, para que não caia em relações superficiais de poder antiéticas. Na não monogamia, troca-se os conceitos de competitividade, posse e controle pelo da compersão – apreciar as conexões emocionais ou românticas de um parceiro com outros.

Em relacionamentos não monogâmicos muitas vezes há menos pressão para que todas as necessidades sexuais e amorosas sejam atendidas por um só parceiro. Assim como há menos pressão para que se atenda as vontades alheias¹⁰. Dessa forma, ambos podem se reforçar mutuamente, onde estar mais satisfeito com um parceiro secundário na verdade prevê, de forma paradoxal, estar mais comprometido com o parceiro principal. A variedade de cônjuges e companheiros pode aumentar a libido e, conseqüentemente, o sexo no relacionamento primário. A não monogamia é fluida e pode ir desde um sexo casual com pessoas diferentes até ver repetidamente uma mesma pessoa de forma afetiva.

Porém, como as dimensões do poliamor habitarão um mundo dominado majoritariamente

9 Sobre esse último, Perez (2018, p. 9) ressalta que “[...] os entrevistados sinalizaram os riscos de acabar gerando relacionamentos abusivos” (principalmente se um casal usa tal mecanismo para “salvar o casamento”), pois podem acabar pendendo para a concepção patriarcal de o homem ter mais liberdade sexual que a mulher. Em contrapartida, há o termo da “anarquia relacional”, que rejeita hierarquias tradicionais entre quem se relaciona (como por exemplo, priorizar um parceiro romântico sobre amizades, ou um gênero ao outro). O filme “Vicky, Christine e Barcelona” de Woody Allen, nos mostra como o casal interpretado por Penélope Cruz e Javier Bardien só se entendiam de forma afetiva mediante a presença de Johanson. Quando ela resolve sair da relação para buscar seus próprios horizontes, a estrutura daquele casamento falido volta a ruir, com violentas brigas verbais e físicas até ameaças de morte.

10 Por exemplo, nós temos diferentes amizades para atender diferentes desejos afetivos – ao invés de cobrar diferentes formas de amar de uma mesma pessoa, divide-se suas vontades por entre diversos sujeitos. Afinal, em um mundo de casamento sem sexo, sexo sem namoro, matrimônios sem certos compromissos legais ou certos casais sem compromisso de casar... o que define uma relação afinal? Será que é a outra relação que define a sua? Será que é a próxima relação que define a anterior ou justamente o inverso?



pelo amor romântico, monogâmico, patriarcal e heteronormativo? São outras formas de sentir (transbordar) o amor, de afetar e ser afetado. E como em toda inovação, há revolução, transformação e resistência ao aderir ao novo. Afinal, será que quanto mais palavras e termos a gente inventa para se relacionar, mais difícil ou mais fácil fica de se determinar? Nesse ensaio, pretende-se definir os limites da não monogamia ao mesmo tempo que os ultrapassa, transbordando e transvalorando desejos.

Portanto, esses termos e nomenclaturas também podem ser vistos como fases ou estágios que vão sendo refletidos, revisitados e explorados, onde o casal começa com regras mais rígidas que aos poucos vão sendo amenizadas e relaxadas. É uma forma de negociar e balancear as próprias expectativas com antecedência, para que não haja surpresas incômodas de si ou reações indesejadas do outro. Como se trata de “regras” fluidas e não definitivas – diferente do que ocorre na monogamia –, os cônjuges devem rever acordos e reavaliar seus limites à medida que os parceiros exploram os territórios desconhecidos dessas novas formas de amar¹¹. Desde que estejamos nos sentindo amados, desejados e respeitados, não há por que se preocupar com a vida sexual do parceiro fora da estrutura conjugal de origem, pois a privacidade de certos encontros é necessária.

Em resumo, a não monogamia é um processo decolonial que exige paciência e transparência, não só para se desconstruir todo um sistema de pensamento cuja origem está na Europa cristã e patriarcal do século XVII, mas para se acostumar a uma nova realidade que necessita muito mais do que só comunicação. Nesse novo modelo haverá situações imprevisíveis, como a distribuição afetiva, social e financeira no cotidiano de cada uma das partes – que precisará ser renegociada em termos de limite, empatia e respeito. Seja qual for a estrutura, é preciso ter um ao outro em mente durante o processo.

3 Infidelidade x Fidelidade: contribuições ensaísticas filosóficas e psicanalíticas

De acordo com o artigo de Scheeren, Apellániz e Wagner (2018) sobre “Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres”, o estudo conduzido por Goldenberg (2011) em camadas médias urbanas do Rio de Janeiro mostrou que 60% dos homens e 47% das mulheres já foram infiéis por conta das insatisfações matrimoniais. Porém, enquanto a infidelidade feminina se deu de forma mais subjetiva e discreta, para aumentar a autoestima, se reconectar com sua feminilidade e provar que ainda podem seduzir... os homens demonstraram comportamentos mais

¹¹ Por que os casais LGBTQIAPN+ tendem a ter maior facilidade nas relações não monogâmicas do que os héteros? Seria a comunicação mais aberta e direta sobre a identidade sexual ou de gênero? Além disso, “por não poderem recorrer aos papéis convencionais de gêneros, as pessoas em casais do mesmo sexo estão em melhor posição para (...) se comunicar melhor, partilhar afazeres domésticos de maneira mais justa e atribuir tarefas com base em preferências pessoais – em vez de gênero, renda, horas trabalhadas e posição de poder na relação” (Schulte, 2015).



explícitos: com carícias, mensagens, despesas financeiras e encontros furtivos. E ao contrário do que se pensa, o sexo não foi o principal motivo das traições, pois ambos os sexos estavam mais preocupados em suturar uma falta de carinho, compreensão e atenção através da relação sexual extraconjugal. A pesquisa revelou que não há mais uma dicotomia entre infidelidade sexual e emocional, uma vez que ambas as motivações caminham juntas e misturadas – podendo até mesmo levar o casal a algum tipo de crescimento ou aprendizado pessoal.

Além disso, “os dados apontam que a maioria das pessoas não conversam a respeito do tema com seu companheiro(a) e 44,4% não concordam com o parceiro(a) sobre o que é ser infiel” (Scheeren; Apellániz; Wagner, 2018, p. 368). Como cada casal formula seus próprios contratos, estes tendem a ser muito subjetivos e passíveis de diversas interpretações e diferentes análises, sendo mutáveis ao longo das fases do ciclo vital. Por exemplo, o nascimento de um bebê – um momento desgastante para a conjugalidade – requer um modelo de monogamia diferente de quando o casal estava no começo do casamento: experimentando a vivência da moradia a dois e tateando os hábitos do outro no dia a dia.

Levando em conta os altos níveis de traição vistos acima, a não monogamia, nesse caso, pode ser uma forma de converter a figura da amante, por exemplo, de uma posição passiva, passando-a para a legitimidade de um contrato oficial (a três). Seria uma forma de dar vazão àquelas infidelidades veladas, colocando-as em pautas numa comunicação mais transparente, para que parem de ser traições e passem a ser relações alternativas. Na monogamia, um homem ou mulher que trai e esconde é um traidor(a), assim como aquele(a) que assume sua traição. A não monogamia ética subverte essa lógica. Então, se quisermos que o conceito de monogamia exista – ou sobreviva –, é preciso redefinir os preceitos em torno da (in)fideliidade. Se o sexo a três puder neutralizar o ressentimento – uma das emoções mais tóxicas, paralisantes e reativas que a deslealdade pode proporcionar –, como negociá-lo com o parceiro(a)? Não no sentido de “salvar o casamento”, mas de aprofundá-lo em novas formas de prazer e desejo, restaurando a confiança e a intimidade.

Traições são realmente violentas quando acompanhadas de término com projeção de culpa no outro, humilhação, desconfiança constante e vigilância daquele que trai, ciúme degradante ou inveja exacerbada. Nesses casos, a infidelidade seria a consequência, o sintoma de uma relação já desgastada e não a causa dela. A traição, portanto, seria o menor dos problemas do casal – podendo até mesmo ser um tipo de solução, pois além de forçar uma conversa necessária, ela pode sinalizar que há algo embaixo do tapete. Palavras não ditas, vozes abafadas e desejos sufocados fazem parte dos sintomas que produzem uma infidelidade: essa quebra de contrato, de pacto e de diálogo



franco. Então, mesmo abafadas, as vozes se fazem ouvidas, de uma maneira ou de outra¹².

Assim, a pesquisa de Goldenberg (2011) considera a infidelidade como um fenômeno relacional de efeito sintomático. Rós e Oliveira (2018) reúnem alguns relatos sobre traição no relacionamento e o que aprenderam ao ter amantes: “a traição me ensinou que relacionamentos poliamorosos são naturais”, diz um dos entrevistados. Outra entrevistada afirma: “Eu sentia necessidade de ficar com outras pessoas, mesmo sem envolvimento romântico. Traí e propus a ele que abrissemos a relação”. Em outro caso: “um dia, combinamos de sair nós três [as namoradas e um terceiro de fora] e ela não apareceu. Acabei ficando com ele e seguimos numa relação aberta”. Em suma, os relatos femininos mostram como a infidelidade foi uma espécie de porta de entrada para a não monogamia – sendo também iniciativa delas. Outra comenta que a decisão de abrir se deu no auge da paixão e não em tempos de crise, para “apimentar”, como um mecanismo de salvar o relacionamento: “também aprendi que, dependendo da pessoa com quem estou, minhas preferências amorosas mudam. Nesse ex-namoro eu sentia necessidade de abrir, mas, atualmente, sou monogâmica novamente” (Rós; Oliveira, 2018). Pode-se dizer então que o poliamor é um estado de espírito, fluido e espontâneo, que nos liberta dos preceitos do eu consigo mesmo e sua alteridade.

Tendo como base os relatos acima, a não-monogamia pode ser a busca de um encontro real com as reinvenções de si mesmo com o outro. Com o tempo, os parceiros sofrem muitas pressões: a de ser amante, amigo e ainda inspirar o parceiro a conseguir superar suas metas pessoais e profissionais – sendo a melhor versão de si com a melhor versão do outro. As relações poliamorosas seriam uma forma de se ter mais independência e emancipação em certas áreas do ciclo vital conjugal, compartilhando vivências com um terceiro – quarto, quinto etc. Dentro de uma relação não monogâmica, o sexo casual, por exemplo, poderia ser mais focado no orgasmo feminino – uma vez que essas relações teriam que discutir regras básicas e questões éticas sobre sexualidade, já que não existem moldes tão predefinidos e patriarcais como na monogamia –, envolvendo outros parceiros e uma conversa franca sobre seus desejos. O artigo de Perez e Palma (2018)

12 O poema “Presságio” de Fernando Pessoa (1956, p. 74) exemplifica muito bem o embate – por vezes traumático – de dizer o indizível – através da arte –, o recalque que paralisa a evolução do eu consigo mesmo, as relações intra/interpessoais inconscientes do eu e do outro: “O amor, quando se revela/Não se sabe revelar/Sabe bem olhar p’ra ela/Mas não lhe sabe falar. [...] Mas se isto puder contar-lhe/O que não lhe ousou contar/Já não terei que falar-lhe/Porque lhe estou a falar”. Para uma psique muito recalcada, o próprio ato de narrar a impossibilidade da fala já é revelador – vozes silenciadas não são vozes esquecidas –, o poeta também faz uso da técnica do hipérbato: “Se eu te pudesse dizer/O que nunca te direi/Tu terias que entender/Aquilo que nem eu sei” (Pessoa, 1956, p. 93). Nos últimos versos do Guardador de Rebanhos, ele diz que “Quem ama nunca sabe o que ama/Nem sabe por que ama/Nem o que é amar” (Caeiro, 1946, p. 24). E segundo Luís de Camões (1595, 6): “Um não sei quê/Que nasce não sei onde/Vem não sei como/E dói não sei por quê [...] Amor é fogo que arde sem se ver/É ferida que dói e não se sente/É um contentamento descontente/É dor que desatina sem doer/Um não querer mais que bem querer/Um andar solitário entre a gente/É nunca contentar-se contente”.



inclusive fala da “equidade de gênero e no diálogo” dentro do poliamor na contemporaneidade – uma mudança simbólica e necessária nas dinâmicas de poder em relações afetivas e na autonomia pessoal, pois não pressupõe assimetria de gênero. Na conclusão do artigo (Perez; Palma, 2018, p. 9), as autoras citam que “enquanto os homens parecem ter mais facilidade em viver na prática o poliamor, as mulheres o exaltam como um suporte filosófico que as tira do papel de propriedade de seus companheiros e permite que sejam, de fato, livres”¹³.

As pesquisas supracitadas trazem uma reflexão sobre como a não monogamia veio como resposta a uma problemática monogâmica, mas acaba abarcando outra questão igualmente complexa: como se dá a segurança e a estabilidade emocional dentro de uma não exclusividade afetiva? “um paradoxo para gerenciar, não um problema para resolver. Conservar o desejo com o passar do tempo é tão difícil porque exige duas forças opostas: liberdade e compromisso” (Perel, 2018, p. 81). A vida conjugal é uma sucessão de escolhas, é escolher o outro todos os dias, mas é também se olhar no espelho a cada decisão. Nesse sentido, o ato de escolher evoca essencialmente uma ação que carrega um “nada de ser” e um “tudo poder” ao mesmo tempo. A ética do amor seria encarar a verdade do que se é, sendo.

4 O papel psicossocial da amante e a análise construtiva do ciúme na libido

Como essa proposta de artigo – com contornos de ensaio psicanalítico – parte do ponto de vista da desconstrução de certos mitos, vale se debruçar sobre o papel da amante na sociedade. De acordo com a socióloga Ameno no livro *Função social dos amantes na preservação do casamento monogâmico* (2000), muitos homens iniciam um envolvimento com uma amante sem revelar seu estado civil ou com diversas ameaças vazias de abandono da esposa em prol da amante. É evidente que existem mulheres que se sentem à vontade com a posição de amante e não aspiram se tornar a parceira “oficial” sob nenhuma circunstância. Porém, essa seria a exceção e não a regra.

Entretanto, é possível especular que em muitos outros casos o que há é o sentimento de culpa, onde a mulher vive um martírio e uma sofrida ambiguidade entre estar emocionalmente envolvida mas não querer ser o fruto de uma separação – a famigerada “destruidora de lares”, como se o marido também não fosse culpabilizado pelo envolvimento. A idealização é natural e inconsciente, pois acaba-se invariavelmente imaginando uma vida com o outro, sem o peso das responsabilidades e a rotina maçante. O sofrimento também advém de uma relação extremamente desequilibrada – inclusive em termos judiciais, podendo ficar até uma década com o infiel sem

13 “Suas asas são cortadas, mas ainda assim ela é culpada por não saber como voar” é uma frase atribuída a Simone de Beauvoir, sem fonte: até que você espalhe suas asas, não terá ideia de quanto longe pode voar.



receber nada em sua morte –, na qual a amante dará muito mais do recebe. Será possível dizer que, de certa forma, pela visão dos maridos infiéis, a função psicossocial e inconsciente das amantes seria contribuir para a estabilidade de casamentos instáveis? Ameno (2000) conclui que os amantes desempenham um papel crucial na manutenção do casamento monogâmico na hodiernidade, à medida que gradualmente assumem um papel semelhante ao que costumava ser atribuído às prostitutas – só que de forma mais ameaçadora. Através da promulgação ética da não monogamia, como dar suporte psicossocial à posição injusta na qual as amantes são subjugadas pela triangulação de uma família tradicional?

Como visto acima, todo sistema que produz uma necessidade de posse, escraviza seus indivíduos, e a instituição do casamento não é diferente; disciplinando papéis sociais como sustentáculos do capitalismo. A representação de posse não é natural dos indivíduos, como juventude e velhice, ou os instintos da maternidade, da liberdade e da vida em prol da morte. A ideia de posse virou uma imposição cultural e uma produção social quando alcançou a popularidade/*status* de um afeto incondicional, emoções intransferíveis e sentimentos intransponíveis, irremediáveis e inflexíveis. Então, pensar na amante como uma figura revolucionária, que ameaçaria esse desmantelamento da família nuclear e tentacular com as esferas capitalistas, é uma forma de subverter a posição social no qual elas são colocadas; à margem, nas beiradas da instituição tradicional. Na verdade, elas são a consolidação da queda e da ruína de um sistema capitalista que já não funciona mais para ninguém. No fundo, o amante e/ou a infidelidade casual podem servir como uma ponte que permite ao parceiro redescobrir e recuperar sua individualidade e solidão – caráter positivo da solidão –, aspectos estes que o casamento costuma anular, suprimir e até mesmo destruir ao longo do tempo.

Segundo Ameno (2000), quase metade dos entrevistados confessaram que têm ou já tiveram amantes, o que sedimenta o casamento tradicional sendo construído sob bases hipócritas. As amantes, inclusive, frequentemente desenvolvem uma personalidade que é diametralmente oposta à da “esposa oficial” como uma estratégia para elevar sua autoestima. Elas costumam demonstrar um alto nível de companheirismo e participação ativa na vida do marido infiel, com o objetivo de reforçar sua posição como um “elo indispensável”. Em alguns casos, quando a traição é explicitada desde o início, pode-se preferir relacionar-se com alguns limites em termos de vivência a dois – uma vez que pessoas comprometidas costumam exigir menos e oferecer mais.

Diante de um desejo inconsciente pela poligamia, geralmente mais nutrida por uma das partes do casal – que vive na fantasia por medo de concretizá-la –, é possível contestar como falso o aforisma e o tabu de que os amantes só surgem quando a união conjugal está abalada. A



mera suposição de que um parceiro é responsável por todos os níveis e dimensões de carências, por exemplo, pode levar a outra parte a viver um romance extraconjugal, livre de pressões e cobranças. O terceiro, nesse caso, surgiria do desejo de um outro tipo de prazer e modos de se relacionar, talvez mais leve – e não das falhas do par. Especula-se que os amantes têm o que falta aos cônjuges¹⁴. Caso um seja muito taciturno, procura-se uma relação mais alegre como forma de sair da rotina, por exemplo. É comum também nutrir afetos de ciúmes para com o próprio amante, assim como o mesmo possui ciúmes do parceiro infiel, fazendo com que um idealize o outro. O ciúme na verdade é um medo de abandono e ameaça da perda, mas se a falta produz desejo, então é possível transformá-lo em uma libido produtiva para o casal – tornar o inevitável sentimento de possível perda em objeto libidinal ou pulsão sexual.

O que nos faz pensar que uma das dimensões do amor é o desencontro¹⁵, achar que aquilo que te falta, o outro tem. Como se os amantes estivessem presos num labirinto sem saída, fadados a tatear a língua indefinível do outro. É possível entender isso através da provocação na famosa fórmula lacaniana sobre a inexistência da relação (proporção) sexual, numa tentativa frustrada de encaixar uma tomada de dois pinos no plugue de um ou a entrada do casal numa ligação em trisal e vice-versa – o outro sexo fica como um negativo irrepresentável. Esse amor que deixa rastros, como uma imprudência do dizer, sendo a impossibilidade da relação sexual aquilo que não cessa e persiste em se escrever – mesmo com a impossibilidade de se limitar ou se inscrever em um sistema de símbolos e línguas –, o amor insiste pelas brechas do dia a dia e as rachaduras do trauma. Na declaração amorosa, o amor faz-se dizer sem conseguir falar, pelos fragmentos e ecos da linguagem, como no ressonante “Um abraço” de Caetano ou no poema de Camões “Amor”.

Entretanto, o nível de satisfação que se tem com uma amante pode acabar decaindo com o tempo, estabilizando-se ao nível dos cônjuges, o que faria o parceiro voltar-se para o relacionamento oficial ou buscar novamente outras fontes de prazer com outros indivíduos. Em termos de idealização, é interessante notar como tudo aquilo que o(a) infiel ama no(a) amante, pode ser o mesmo que ele(a) não gostaria em seu(sua) próprio(a) esposo(a), como um comportamento tido como indecente, uma gargalhada escandalosa, piadas bobas etc. Outro ponto a ser analisado é que apesar do principal motivo para se ter um amante ser a realização de desejos sexuais, muitas

14 “Dar o que não se tem, a alguém que não o quer”. Supõe-se que a primeira parte da frase foi proferida por Lacan pela primeira vez em 1957 em um seminário sobre as técnicas da psicanálise, e a segunda parte foi completada no seminário 12, em 1964/65, com o nome de “Problemas cruciais para a psicanálise”. Outra versão da frase: “Pode-se amar alguém não só por aquilo que tem, senão, por aquilo que carece”.

15 Como no verso “a vida [e/ou o amor] é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, presente no “Samba da Bênção” (de Vinícius de Moraes e Baden Powell). A vida em casal, então, seria como duas linhas paralelas que beiram o toque, mas nunca se forjam numa complementariedade ou fusão de mundos, apenas caminham juntos ao infinito, ainda que separados – como numa *assíntota*, no nó borromeano ou na banda de moebius, nem dentro nem fora.



vezes extrapola-se tal vontade, a ponto que muitos casos extraconjugais não exercitem a prática sexual, apenas a emocional. Afinal, a descoberta sexual tem duração limitada, em que o novo rapidamente torna-se velho, e só de se pensar em fazer sexo, o sentimento de preguiça e falta de vontade tomam conta na maioria das vezes. Por isso há vários tipos de infidelidade: há casos sem qualquer ligação emocional, há outros em que o parceiro se apaixona, mas não deixa de se sentir conectado ao(á) esposo(a) e vice-versa – às vezes a conexão até aumenta –, e há traições em que a relação extraconjugal é, sobretudo, uma forma de terminar a relação oficial.

De qualquer forma, se conversado, ambas as partes do casal podem se sentir seguras de explorar outras formas de prazer sabendo que possuem uma relação estável em casa. Inclusive, muitas vezes o sexo com um amante pode até mesmo estimular o sexo com o cônjuge, pelo caráter da novidade libidinal na vida dos parceiros. Essas dinâmicas explicitadas acima nos mostram como o desejo dentro de um relacionamento conjugal duradouro é fluido e volátil, tornando-se possível explorar as áreas cinzentas da ética e da moral. Perdoar uma traição pode ser além de uma nobre atitude, pode ser o início de uma conversa e novos tipos de relacionamento.

Portanto, o casamento está longe de ser um antídoto para a solidão – tida como *le mal du siècle* –, pois acaba se vivendo uma solidão a dois, às vezes a três. Então o que faz uma amante querer e/ou aceitar ser a outra? Monotonia, vingança, medo de compromisso, insistência, conveniência, solidão, uma mistura disso tudo? E como a propagação da não monogamia e a queda de seus tabus poderiam empoderar as amantes, tirando-as desse lugar desigual para um patamar de maior equidade e justiça? Hoje em dia, na cultural ocidental em geral, mesmo que seja impensável casar sem amor, qual tipo de amor está se falando¹⁶? Don Juan, por exemplo, que só possuía todas porque não traia nenhuma.

5 As escolhas ambivalentes na não monogamia

No seminário de Lacan (1991, p. 385) sobre a ética psicanalítica para o debate: “a única coisa da qual pode sentir-se culpa é de ter cedido a seu desejo” ou de não ceder o suficiente. Do que adianta almejar a liberdade sexual se não nos livramos da culpa? Se o clímax do prazer sexual é sinônimo de descontrole, ao contê-lo, ainda seria um orgasmo? Prazer contido ainda é prazer? O conceito de culpabilidade é uma herança exportada da censura, de um superego que se impõe ao Eu. Já o ato de desejar é sustentado pelo inconsciente, que por sua vez é abarcado pelo Id. Mas

16 O romance *A trama do casamento* (2012) de Jeffrey Eugenides faz uma analogia do amor nos tempos atuais, que tem bastante relevância para o dualismo de relações que vivemos na monogamia e fora dela. O livro faz uma representação imagética de amantes que se jogaram no rio com um pé em cada canoa: a do otimismo romântico antiquado e do desencanto cínico moderno. Porém, nas turbulentas águas do amor, sem se sustentar numa só canoa, muitos se afogaram.



de qual desejo culposos é esse do qual se fala – na dimensão do supereu? Essa ambiguidade pode até ser considerada uma condição necessária para os inevitáveis anseios do prazer, mas não é suficiente para ele imperar sozinho, por si só. É preciso de uma história agregadora por trás, um contexto singular e uma narrativa engendrada e atraente no seu todo. O desejo do qual se fala aqui vem da ordem do discurso simbólico, da linguagem – do mal-entendido – e da cultura. porém há uma lógica dissonante do desejo monogâmico que produz ambivalências das vontades e volições de formas aparentemente paradoxais – o sujeito realmente quer e sustenta aquilo que deseja fora da relação?. Na não monogamia, tais contradições desejantes são abarcadas como constituintes nas formas de prazer, através da compensação, por exemplo – que não se enquadram no modelo monogâmico mais clássico/simplista

O estudo de Birnbaum e demais autores (2024) conclui que quando companheiros monogâmicos são cobiçados demais por outras pessoas, ocorre o chamado “paradoxo do flerte”, o que acaba por diminuir o interesse e o investimento no relacionamento: “essas descobertas sugerem que testemunhar parceiros atuais recebendo atenção tem um significado diferente de observar parceiros em potencial em uma situação semelhante, tornando evidente o risco de perder o parceiro”¹⁷ (Birnbaum *et al.*, 2024, p. 2, tradução própria). Na compensação, quando o parceiro é desejado por outra pessoa, o desejo sexual e a aproximação emocional aumenta ao invés de diminuir, pois a lógica que impera não é a da concorrência ou da competição, mas da cooperação, trocando o sentimento reativo da vingança pela preservação da relação. Segundo a pesquisa, deixar o parceiro mono com ciúmes de propósito é uma tática que pode sair pela culatra, pois acaba quebrando o vínculo ao invés de fortalecê-lo.

Enquanto a ambiguidade pode ser vista como uma forma de resistência ou um mecanismo de defesa que impede que o indivíduo se comprometa com uma única interpretação da realidade, a ambivalência – não patológica e bem resolvida – é vista como uma parte normal ou até mesmo saudável do desenvolvimento emocional. Ela habita e faz nascer emoções mistas e contraditórias de querer um afeto sem perder o outro, ou de ter que afirmar certos sentimentos e companheiros em prol de outros. O dilema de querer estar em um relacionamento duradouro e exclusivo ao mesmo tempo em que se almeja certo afastamento afetivo do parceiro de longa data, pode ser mentalmente exaustivo e desgastante. A incessante busca – fantasiosa ou não – por outro arranjo amoroso pode tornar-se uma sobrecarga se não se souber manejar e jogar junto com a ambivalência. O desejo ambivalente no campo da imanência pode ser aproveitado das mais diversas formas

17 “These findings suggest that witnessing current partners receiving attention holds a different meaning than observing potential partners in a similar situation, making salient the risk of losing the partner”



sexuais, desde brincadeiras que abranjam o ciúme e o poder de forma envolvente, até a inveja e a submissão de forma catártica. Esses sentimentos complexos e contraditórios são de difícil acesso harmônico, podendo entupir e amalgamar o aparelho psíquico se não encontrarem um objeto/situação/companheiro de voz e vazão. De qualquer forma, essas emoções e anseios dissonantes não são entendidos aqui como um empecilho, e sim como novas vivências afetivas, abarcando o Eu dividido, fragmentado e em conflito como um processo inerente da subjetivação psíquica. Um processo ilógico apenas para quem não está aberto a construir novas lógicas românticas e sexuais. Afinal de contas, o sujeito neurótico e saudável é contraditório por natureza.

ao longo desse período histórico, o desejo do homem [principalmente da mulher], longamente apalpado, anestesiado, adormecido pelos moralistas, domesticado por educadores, traído pelas academias, muito simplesmente refugiou-se, recalcou-se na paixão mais sutil, e também a mais cega, como nos mostra a história de Édipo, a paixão do saber (Lacan, 1991, p. 388-389).

A frase acima exprime uma das mais conhecidas máximas de Lacan (1991, p. 418) “o desejo do homem é o desejo do Outro”, ou de outra coisa. Entende-se por essa frase que o indivíduo deseja o que deseja porque outras pessoas desejam também, justamente por ser socialmente valorizado. O que atrai é o olhar do outro sobre tal objeto, situação, sentimento, parceiro etc. O olhar desejanter que não está ao alcance. Quando se trata da infidelidade, esse parece ser o grande dilema da monogamia a longo prazo. Ou seja, é sempre o desejo por algo substitutivo ao objeto tido como “proibido”, ou até mesmo, em certos casos, “impossível”, pois nunca alcança-se aquilo que se pretende. Uma vez alcançado, já não é mais interessante, pois almeja-se o próximo desejo relativo a tudo aquilo que se queria antes. Como na brincadeira do saco sem fundo: desejando o que não tem, não se tendo o que deseja. Na monogamia, a cobiça nasce e morre em cima da falta, daquilo que não se tem. Então se para ela a falta é a disruptiva e reativa, para a não monogamia é o meio, da estabilidade e diálogo¹⁸, abraçando o outro em todo seu mistério fluido e (im)persistente.

Acrescente-se que o erotismo reside no espaço ambíguo entre a angústia e o fascínio – mais uma vez nos remetendo à ideia da ambivalência, da necessidade de trabalhar junto à ansiedade e ao ciúme potencialmente saudável que o desejo traz –, precipitando-nos no escuro das possibilidades. O Eu nasce, morre e se encontra na ambiguidade e na ambivalência¹⁹, nos diferentes sentidos que

18 “Entre dois males, sempre escolho aquele que nunca experimentei antes”. A ácida frase dita pela ex-prostituta e *sex symbol* interpretada por Mae West no filme *A sereia do Alasca* (1936) aborda o tema de forma provocativa e irônica. Para Bukowski, no livro *Numa fria* de 1983, o amor é uma forma de egoísmo: “uma espécie de preconceito. A gente ama o que precisa, ama o que faz sentir bem, ama o que é conveniente. Como pode dizer que ama uma pessoa quando há dez mil outras no mundo que você amaria mais se conhecesse? Mas a gente nunca conhece” (Bukowski, 1983, p. 37), pois se prende a apenas uma forma de amar. É preciso abrir mão de algumas fantasias para acolher outras realidades – é na desilusão que o outro aparece.

19 A incapacidade de lidar e tolerar com ambiguidades – falta de clareza ou definição de um significado dúbio na linguagem – nos leva a conflitos internos e neuroses, cuja origem está enraizada no inconsciente.



pode abarcar e nas diversas contradições que pode sentir, respectivamente. Importante ressaltar que enquanto a ambiguidade divide e confunde o sujeito em direções opostas ou atribuindo mais de um significado a um objeto, sentimento, pessoa, situação etc., a ambivalência é a dualidade coexistente de sentimentos, ideais ou valores contraditórios e, por vezes, maniqueísta – por exemplo, guerra e paz, bem e o mal etc. Como por exemplo, correr atrás da liberdade sexual, mesmo prezando pela segurança fixa ou almejando garantias que prendem em contratos ao invés de dar contornos ao ato.

Avalia-se que o amor e ódio operam conjuntamente em processos constitutivos e destitutivos, de inclusão e exclusão – como não há nada mais apaixonante do que um “eu te odeio” muito bem dado e/ou recebido. Além de destruir, o ódio divide, aparta e delimita. E antes de ser construtivo, o amor é união, laços de identificação, elaboração e sublimação – não é uma entidade pura, pois nunca está isolado, mas acompanhado de sua contrapartida. O amor não caminha sem o ódio, mas este sim, segue sozinho. Porém, devemos (e é saudável) odiar, até certo ponto, para poder conseguir amar. O *amódio* – neologismo lacaniano – pode transformar-se em uma convivência mais harmoniosa ou mais desastrosa. O ódio tem papel tanto de fortalecer o amor quanto de auxiliar o “desamor” – ou desprazer –, permitindo a abertura para novas experiências amorosas, onde o amor contraria e é contrariado²⁰.

‘Não conhecer de modo algum o ódio é não conhecer de modo algum o amor também’, é para frisar que se o amor colmata uma falha, o ódio a escancara [...] o ódio advém como a revelação fulminante de uma falta que não pode ser preenchida e que, ilusoriamente, o objeto amoroso parecia tamponar (Jorge, 2010, p. 179).

Ou seja, o ódio é o reconhecimento da alteridade e da falta que o amor tenta suprir. O artigo de Corrêa (2019) conclui que “o complexo articulado pela ambiguidade, pela hostilidade e pela identificação está na base fundamental da instituição do laço social humano” e da subjetivação do Eu. E de acordo com Bleger (1985, p. 365), “na verdadeira ambivalência, as tendências opostas estão supostamente presentes, mas um dos elementos antinômicos, num momento específico, deve necessariamente ser inconsciente”, que é a morada do desejo e de todas as vontades que regem um casal monogâmico a se aventurar pela não monogamia. Mas para que o prazer flua, dois comportamentos antinômicos e dissidentes – por exemplo, ciúmes e tesão – precisam coincidir e serem estimulados ao mesmo tempo, construindo narrativas afetivas, num processo de identificação com a própria constituição do Eu com o Outro – seja nas leis regentes do psiquismo, seja nas relações conjugais. Em qualquer relacionamento que caminha para ser duradouro, as emoções extremas começam sendo trabalhadas juntas – numa fase inicial inconsciente – para

20 Inclusive, “os opostos se atraem” é tão narcísico quanto se relacionar com alguém muito semelhante a si – achar que temos algo que falta ao outro ou se apaixonar pela sua imagem no outro.



depois serem vividas de forma separadas e conscientes. A não monogamia subverte essa lógica, podendo trabalhar sentimentos opostos/ambivalentes de forma mais construtiva e equilibrada. Assim, um movimento de afastar-se já não é visto como ameaça de separação, mas como processo de individuação, reconectando o casal: “inteligência erótica é criar distância, e depois dar vida a essa lacuna” (Perel, 2018, p. 41).

6 O desejo feminino dentro e fora da monogamia

De acordo com Johnson (2016, p. 60, tradução própria): “parece que as mulheres estão sexualmente entediadas. [Porém] quando estão casadas e pensam em sexo com alguém que não seja seu parceiro, elas podem ficar bastante excitadas”²¹. Há uma curiosa hipótese sobre o papel do orgasmo feminino, em especial o múltiplo, que poderia ter se desenvolvido para encorajar o sexo com múltiplos parceiros – um para cada orgasmo²². Mas a questão principal que se apresenta aqui é como as mulheres parecem estar cada vez mais entediadas na monogamia de longo prazo: “não é que elas sejam funcionalmente incapazes de fazer sexo ou de ter orgasmos com seus parceiros de forma constante e saudável, mas o sexo que elas estão fazendo talvez não seja o que elas queiram”²³ (Johnson, 2016, p.3 tradução do autor).

É preciso conversar abertamente sobre novos arranjos para casais de longa data, dando atenção especial para as mulheres que não estão acostumadas a frequentarem boates de *strip-tease*, saírem com acompanhantes e prostitutas, terem “passes livres” em despedidas de solteiro – sem se sentirem culpadas – etc. Ambos os gêneros traem, mas parece que os homens sempre estiveram mais confortáveis nessa posição, por uma sociedade que não só tolera e normaliza, mas incentiva o ato. Porém, a questão não é sobre quem tem mais direito de trair, mas por que um está institucionalizado com maior facilidade do que o outro? Por que não abrir uma conversa honesta que esteja mais voltada para a equidade do que para a igualdade? Esse ensaio busca colocar em xeque a preposição antiga e machista que justifica a infidelidade masculina pela reprodução de uma mulher ser limitada às suas gestações. A discussão aqui não é sobre substituir, mas complementar. Por exemplo, um parceiro pode se mostrar mais satisfeito mantendo as “obrigações” parentais,

21 “It seems that women are sexually bored. When they are married and they think of sex with someone other than their partner, they can get quite excited”. A familiaridade, a rotina de longo prazo e a segurança emocional do casamento podem diminuir o desejo espontâneo (um conceito conhecido como *habituação* ou “efeito Coolidge” reverso). A novidade ou o tabu de uma fantasia extraconjugal podem ativar uma resposta de excitação.

22 Especula-se que transar com parceiros externos pode fazer com que as mulheres se sintam mais desejadas dentro da relação primária, o problema é a reação – geralmente negativa – do cônjuge nessa dinâmica. Entretanto, a não monogamia abre a possibilidade de ambos encarnarem seus *alter-egos* favoritos para si e, ao mesmo tempo, atraentes para o outro – flertar na frente do parceiro. Então, ao se estranhar com o familiar e se familiarizar com o estranho, é possível adentrar-se no território dos amantes, no desconhecimento e na redescoberta dos nossos desejos, com estímulos e conexões sexuais/emocionais variadas.

23 “It’s not that they are functionally incapable of having sex and orgasms consistently and healthily, but the sex that they are having might not be what they want”



fazendo o outro adentrar mais afundo nos afagos emocionais ou sexuais – e ambos podem trocar de papéis depois. Há vários motivos para trair, como o desejo por variedade, a insatisfação, a vingança, a validação externa, apoio financeiro etc., mas quais os motivos para ficar após esses desejos serem revelados/desvelados?

O artigo de Herbenick e demais autores (2014) parte do pressuposto de que as mulheres são as principais consumidoras dos produtos sexuais, sejam lubrificantes, óleos de massagem, fantasias eróticas, livros sexuais, acessórios para auxiliar a masturbação etc. A tese central é a de que as mulheres são as primeiras a se sentirem entediadas dentro de um relacionamento monogâmico longo. O excesso de familiaridade emocional, a habituação ao estímulo afetivo – já saber de antemão como, onde e por quanto tempo será tocada –, a falta de aventura sexual etc. parecem ser problemas do cotidiano que incomodam significativamente mais a mulher do que o homem. Quando ambos decidem morar juntos, o sexo tende a tornar-se um figurante ou uma mera figura distante na memória de cada um. Mas por que as mulheres costumam ser mais culpadas pela falta de libido dentro de uma relação a longo prazo quando ambos os gêneros começam igualmente excitados um pelo outro? Por que a “libertação” das amarras sociais é feita justamente pelos homens?²⁴

Afinal, a ausência do orgasmo feminino é um problema do homem ou uma falta de autoconhecimento da mulher – que por séculos teve seu corpo negligenciado, por culpa do patriarcado? Se o gozo como falta de fato é um problema, não atribuí-lo à mulher pode ser uma forma de os homens tomarem as questões dela como suas, e tirar o poder que a mulher tem sobre seu próprio corpo – como se aquele corpo só funcionasse de acordo com a visão masculina. Porém, o homem também deve se culpabilizar e se conscientizar sobre os séculos de dominação e negligência histórica. Apesar de cada um gozar de forma singular e específica, ambos se apoiam no outro para chegar ao clímax. Não é o homem que faz a mulher gozar, é ela própria que sabe seus caminhos e o guia. E essa visão é mais uma forma de se libertar da dominação masculina, que se debruça no sexo como ato de poder e controle, ao invés de ser um ato psicosssexual/político de descontrole, de se afetar para ser afetado. Afinal, dizer que o corpo feminino só funciona a partir do masculino é como dizer que Eva saiu da costela de Adão, sendo que foi ele que surgiu do útero dela.

O orgasmo é sempre um momento único e pessoal, por isso é muito patriarcal achar que

24 O ponto G foi batizado em homenagem ao médico alemão Gräfenberg, por outros homens, em um artigo de 1981 denominado de “Female ejaculation: a case study”. É simbólico e sintomático que outros médicos tiveram seu sobrenome homenageado ao referir-se a uma parte do corpo feminino – exemplos: trompa de Falópio, folículo Graafiano, glândulas de Bartholin etc. –, quando este era considerado uma “ilha inabitada”, inexplorada e misteriosa, passível de ser reivindicada, partilhada e colonizada como um país. Há quem diga que o ponto G não existe: “é irresponsável afirmar a existência de uma entidade que nunca foi comprovada e pressionar mulheres – e homens também”. (Ponto G [...], 2010).



o homem deve prover sempre, até na hora do gozo. O que aliás só atrapalha o próprio orgasmo, pois põe a performance acima do desejo, e faz com que ninguém aproveite o momento, apenas prolongando uma transa que já acabou ou gozando numa que nem começou. O sexo é uma dança e cada um é responsável pelo seu próprio corpo. Um mais um não é igual a dois, pois no final das contas, o seu gozo será só seu. É possível gozar por si, mas nunca pelo outro. Pode até parecer lírico falar que nossos corpos estão entrelaçados e fusionados, porque o romantismo sabe ser bonito, mas não funciona na prática, assim como qualquer promessa que não se pretende realizar. Se dois bailarinos estivessem fundidos, eles não teriam espaço para dançar. Na dependência dos amantes, alguém sempre morre sufocado. É depois de tanto procurar pela união dos corpos, que se descobre – ou cria-se – a distância entre eles.

Refletimos então que o prazer está nas brechas: ele pede espaço para fluir, para se libertar. Esse é o problema do romantismo, que sempre gerou dependência e promessas impossíveis, relativas ao “encaixe perfeito”, o que causa culpa e frustração. Por isso que a não monogamia deveria atribuir novas formas de prazer e de (des)encaixe para a conjugalidade, caso contrário seria uma tomada de dois pinos tentando penetrar num plugue de um. Nós somos imperfeitos, incompletos e faltosos e precisamos de adaptadores para dar “certo”, ou “errado” – que às vezes é até melhor. Somos todos incompatíveis, até com nós mesmos e é essa falta que nos move para um infinito só nosso, pequeno e particular²⁵.

Uma importante questão que esse artigo pretende suscitar: o homem é responsável pelo prazer da mulher? Em uma sociedade machista e misógina, dizer o contrário é problemático, mas em termos de autonomia e independência feminina, concordar com o questionamento também se torna um contrassenso ético. O fato de a maioria absoluta das mulheres da nossa sociedade nunca ter sentido um orgasmo não é culpa delas. É um regime de controle dos corpos. É religião, é Estado, é mercado. Assim como se proclama a independência de um país, por que não proclamar a independência do orgasmo feminino – que aliás possui nomes que advêm de médicos homens? A trama se intensifica ao saber que mulheres têm muito mais orgasmos sozinhas, se masturbando, do que com o esforço de seus parceiros, uma vez que 80% delas têm dificuldade para chegar ao clímax, como nos mostra *A arte de gozar* de Goldenberg (2023). O artigo se inspirou em Simone de Beauvoir ao parafraseá-la: “nenhuma mulher nasce livre: torna-se livre”.

na minha pesquisa, quando perguntei às mulheres se elas já fingiram orgasmo, mais de

25 Em um dos poemas de Fernando Pessoa, sob o semi-heterônimo de Bernardo Soares: “o mal todo do romantismo é a confusão entre o que nos é preciso e o que desejamos [...] é humano desejar o que não nos é preciso, mas é para nós desejável. O que é doença é desejar com igual intensidade o que é preciso e o que é desejável [...] O mal romântico é este: querer a lua como se houvesse maneira de a obter” (Soares, 1982, p. 468). O amor vai além de um mero sentimento, sendo inteligência emocional e fenômeno social.



70% responderam que sim, especialmente quando estão exaustas, sem vontade de fazer sexo e querem agradar ao parceiro. Cerca de 20% fingem (quase) sempre porque querem acabar logo com a transa e dormir, e 3% fingem porque (quase) nunca conseguem ter orgasmo com o marido ou com o amante [...] O que aconteceria com as relações amorosas e sexuais se as mulheres parassem de fingir? Muitas mulheres me contaram que tentam evitar o sexo com as mais variadas desculpas: TPM, menopausa, dor de cabeça, cansaço, preocupações, problemas e doenças (Goldenberg, 2023, p. 87-88).

De acordo com a pesquisa supracitada as justificativas para fingir orgasmo são: terminar logo o ato (53%), agradar o parceiro (30%), evitar explicações (17%) ou constrangimentos (15%). Evitar ferir os sentimentos do outro também está entre uma das principais razões²⁶. Além disso, as inseguranças envolvendo o próprio corpo, o julgamento alheio em relação à performance sexual, o medo de que o parceiro perca o tesão ou de não estar agradando e atendendo a requisitos/demandas, são maiores do que o medo de engravidar, contrair doenças ou de não chegar ao orgasmo. Entre as casadas a longo prazo, 24% alegam ter perdido interesse em levar uma vida sexualmente ativa. Por fim, o consenso da maioria dita que o carinho chega a ter uma importância maior do que o sexo em si, mesmo em relações casuais. Esses dados acima mostram que muitas mulheres se sentem obrigadas a demonstrar prazer mesmo quando estão sem vontade, disposição ou tesão, seja por vergonha, insegurança, medo de parecer frígida demais ou sexual de menos. Inibidas de falar sobre os próprios desejos, a prática de fingir torna-se um hábito até entre casais com intimidade. Em relação ao sexo casual, a ignorância sobre o próprio corpo tende a ser um fator, pelo medo de serem taxadas como inexperientes.

Como contraponto, Goldenberg cita que há um lugar em que o orgasmo feminino é muito valorizado e idolatrado pelos nativos: a ilha de Mangaia na Polinésia. Desde cedo as mulheres aprendem sobre a potência dos diferentes tipos de orgasmo e como acessá-los com múltiplos parceiros. A autora conclui ainda no prefácio do livro: “em tempos de tanto ódio, intolerância, preconceito e violência, gozar é um ato revolucionário” (Goldenberg, 2023, p. 3). O peso histórico e social do gozo feminino é tão sufocante para a sociedade que a incapacidade de chegar ao orgasmo através de sexo penetrativo heterossexual chegou até mesmo a se tornar um transtorno listado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Terceira Edição (DSM III). Pelo visto, é mais fácil patologizar do que tentar investigar os sintomas e entender as origens e causas. Em um mundo em que apenas uma em cada cinco mulheres afirmam serem capazes de chegar ao orgasmo só com estimulação vaginal, como a não monogamia pode mudar esse cenário? Como ela pode ser estruturada de forma que dê mais voz – ou gemidos e gritos – ao prazer feminino?

26 55% reconhecem a prática de fingir orgasmos como sendo algo frequente (79% das mulheres [...], 2023). 40% das mulheres passarão a vida inteira sem um orgasmo por penetração (Mioto, 2010).



7 A não monogamia e o desejo como força política emancipatória

Lins (2017) apresenta a não monogamia como a etapa mais recente do processo histórico conhecido como revolução sexual. Movimento político e sociocultural que vem ganhando força desde a revolução francesa – primeira onda do feminismo – e sua ascensão nos anos 60, do direito ao voto, do divórcio, da pílula anticoncepcional etc. As mulheres são as protagonistas da não monogamia, pois não toleram mais a sobrecarga matrimonial. Ainda que a iniciativa do casamento venha delas, como visto acima, a do divórcio também, como se elas fossem as responsáveis por fechar o próprio ciclo que abrem.

É possível dizer que, dentre vários outros fatores, um dos principais motivos para o elevado número de divórcios ter crescido desde o século passado é a emancipação feminina. Um processo que antes era vergonhoso, passou a ser um ato doloroso, mas necessário. Lins (2017) argumenta que o conceito de família tradicional já está se desintegrando pouco a pouco, dando lugar para novas modalidades de arranjos familiares²⁷. Como as relações são únicas dentro da pluralidade de cada um, é difícil medir de forma qualitativa o nível de liberdade que podemos abarcar e a autonomia que por nós é abarcada²⁸. Sobre essas (in)definições líricas, vale se debruçar sobre Safatle (2020), onde ele conclui que emancipar não é autogovernar-se e nem a “liberdade de dar-se a própria lei”. O autor propõe trazer as questões sociopolíticas para dentro da teoria psicanalítica – e vice-versa –, já que os conceitos dessa última permeiam uma emancipação do sujeito contemporâneo preso em suas fantasias neuróticas. Ao se trabalhar um desejo emancipado da lógica mercadológica, começa a se pensar em corpos desejantes ao invés de terem seus desejos corporificados, objetificados ou escravizados por tudo aquilo que o sistema capitalista lhes nega. É pensar em como os desejos emancipados da cultura podem (re)significar o próprio sujeito no âmbito da realização pessoal – por exemplo, a pirâmide de Maslow –, sem que ele tenha que se explorar para achar que está se autorrealizando. É fazer a passagem do sentimento de impotência à potência do desejo, nos elevando à condição de sujeição social, como os artistas em suas obras de arte –, dissolvendo assim o mal-estar e a instabilidade das relações de poder que nos rodeiam e subjagam a todo momento. A cultura patriarcal e autoritária da modernidade se alimenta da submissão alheia, fazendo com que a lei pese mais para os subjugados do que para aqueles que a impõe.

27. “Relacionamento aberto é a escolha de 40% dos brasileiros [...] Mulheres e jovens lideram a pesquisa” (Relacionamento [...], 2022).

28. Como no primeiro verso do samba de 1994 composto por Fábio Jr. e pela banda Só Pra Contrariar: “o que é que eu vou fazer com essa tal de liberdade...”. Ou como recita Meireles (1989, p. 69): “liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda”. Por fim, Lispector (2019, p. 67) complementa, “liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome”



o poder sabe que a liberdade nos angustia, ao mesmo tempo que ela nos atrai. Se os sujeitos aceitam a servidão é porque eles temem a angústia que a liberdade produz e um dos exercícios fundamentais que a análise pode fornecer ao exercício da liberdade é levar o sujeito a depor suas defesas contrafóbicas. É mostrar que a angústia da liberdade não vem da possibilidade transcendente de tudo fazer e desejar, mas da realização de que somos agidos por uma causalidade exterior que, como dizia Lacan, é algo em nós mais do que nós mesmos [um muito além do Outro e mais alguém de si] (Safatle, 2017, p. 212).

A citação de Safatle acima dialoga muito bem com *Vigiar e punir* (1975) de Foucault, que discorre sobre como as relações de poder regem o mal-estar moderno – assim como *O mal-estar na civilização* (1929) de Freud e *O mal-estar da pós-modernidade* (1997) de Bauman. A repressão mais eficaz não é mais aquela que tolhe a liberdade, mas que nos sufoca com ela. O poder nos faz escolher aquilo que o serve e não o que de fato desejamos. As técnicas de domesticação do corpo não monogâmico na verdade são vigilâncias camufladas e recaídas na suspeita sobre o movimento do desejo. O questionamento final de Dom Casmurro nos atrai tanto, pois diz respeito a todos nós, suspeitos e investigadores, traídos e traídas. Hoje todos somos culpados e inocentes. Todos esses autores citados acima fornecem ferramentas necessárias para que se entenda a não monogamia ética de forma mais política e aprofundada e sem a leviandade ou permissividade de casais que fantasiam com a “possibilidade transcendente de tudo fazer e desejar”. O desejo, nesse caso, vem para ressignificar e sublimar as potências adormecidas do sujeito neurótico de forma a “depor suas defesas contrafóbicas”, botando em xeque as relações de poder que permeiam nossa sociedade, desde o nível mais intrapsíquico – do eu consigo mesmo – até o interp-síquico – do eu com o outro.

A não monogamia acaba sendo capturada pelo sistema monogâmico quando é abarcada pela visão limitante do acordo meramente sexual, de forma pontual, para apenas satisfazer um capricho momentâneo ou uma forma de tentar sair da zona de conforto ainda estando nela – como forma de fuga e escapada, ao invés de um processo ponderado, estruturado e dimensionado. A não monogamia deve ser vista antes de tudo, como uma escolha política, entender que não somos totalmente donos do desejo e nem desejantes do dono, pois é preciso deixar o outro livre para desejar e o desejando ainda mais nessa condição. Se o amor é abundante em todas as outras esferas de nossas vidas, nas amizades e nas famílias, por que a monogamia adota uma lógica de escassez nas relações de casal?

Volta-se ao conceito de emancipação de Safatle (2020), sobre como desejar é libertador, pois nos faz perceber que tudo que nos é possível hoje, já nos foi impossível um dia. “A mulher preta cresce vendo e ouvindo que não é merecedora de afeto, que o racismo fetichiza nosso corpo e marginaliza nossa intelectualidade. Por isso a não-monogamia é um posicionamento político,



uma afirmação da busca pela emancipação”²⁹. No clímax do livro, Safatle defende a ideia de deixar vazio o lugar do poder, da autoridade. No contexto desse ensaio e da teoria lacaniana, entende-se por deixar em aberto um sistema de relações igualitárias, baseados na equidade, na cooperação e não na competição, na possessividade, no territorialismo ou nas disputas de poder afetivo.

Segundo Lacan (2005), o vazio está ligado a ideia de real e não de realidade. As leis simbólicas da sociedade e da cultura seriam as bordas angustiantes e neuróticas em torno do nosso mundo real: um buraco/poço traumático. Essa dor inconsciente delimita nossos egos traumatizados – inacessíveis ou intocáveis – pelos arredores – nunca em seu núcleo central –, através da tangente, de forma indireta. A dimensão do real (o trauma) insiste, mas não registra, é impensável, pois quando se inscreve torna-se simbólico. A gente só acessa – brechas do – o real através do simbólico, pelas beiradas, mas nunca de forma direta, por si só, pois é muito abstrato e não coincide com – a ideia de – nós mesmos. O real é paradoxal, tudo aquilo que não é – a gente –, mesmo sendo: o buraco negro, o vácuo, o inominável, o imundo, o resto, a sobra, o furo, o ralo, o incontrolável, o incontornável, o insano, o desconcertante, o imprevisível, a banda de moebius, “o objeto pequeno a” e o *et cetera*. Se o amor não cessa de se inscrever, “o real não cessa de não se inscrever [...] é a totalidade ou o instante esvanecido” (Lacan, 2005, p.45). Por ser tão vasto, é inapreensível e escapa à simbolização e à linguagem, é aquilo que sobra, o resto do imaginário a que o simbólico é incapaz de capturar – apenas se aproxima de longe, unido pelo nó borremeano –, aquele instante que desaparece, que não pode ser fixado nem retido, que é passageiro e se esvai. Enquanto no simbólico as palavras tropeçam nos significantes, no real, elas nem são ditas – geralmente por serem traumáticas demais.

Então, alcançar a emancipação do ciúme, a liberdade do desejo e a autonomia extraconjugal – indo da monogamia para não monogamia –, pode ser entendido como um atravessamento “impossível” desse real que nos atravessa, quando, na verdade, é apenas nosso eu imaginário e narcísico que não foi simbolizado em outra dimensão psicossocial, por conta dos preconceitos patriarcais da cultura monogâmica e os limites territorialistas da linguagem. Poliamor é sobre desterritorializar-se no outro e reinventar-se a partir dele.

O registro do imaginário (significado) está associado ao Ego primordial e não à imaginação, mas sim à imagem, é quando o Eu se manifesta – em sonhos, atos falhos, chistes etc. – no domínio do narcisismo primário, relativo à imagem falsa na qual o Eu se constitui de forma enganosa, ilusória e ficcional – formando-se sobre a miragem de uma autonomia especular, consciente e egóica. Um

29 Não monogamia é sobre ser “mãe, companheira, amiga e profissional. Na minha família, a construção é totalmente coletiva” (Ito, 2021).



sujeito muito enraizado na monogamia pode até achar que se conhece, mas são só reflexos de si no outro ao invés de uma (re)criação de um outro em si. De acordo com Ana Suy (2022), a gente não ama quando encontra alguém que cabe no nosso ideal, mas quando procura um outro que nos leva a perdê-lo. O simbólico tem a ver com esse momento, do narcisismo secundário, de retorno do eu com investimento libidinal no mundo sociopolítico e na linguagem – uma ordem anterior e exterior ao sujeito e que determina e o constitui como tal. Nós nos tornamos efeitos da cultura no instante em que alguém nos insere no mundo discursivo. Ao simbólico (significante), pertence o inconsciente e a entrada (traumática) do sujeito na cultura. Nesse registro, seria o encontro do eu com o outro de si. O eu imaginário torna-se ressignificado pelo simbólico e pela sociedade. A questão que fica para os próximos ensaios é como simbolizar e fazer um trabalho de elaboração da não monogamia ética, que escape o imaginário num acesso possível ao real, através do simbólico.

8 A título de conclusão

Assim como as pessoas nascem sem pensar muito sobre a própria sexualidade, pois ela já é pensada e falada sobre nós – antes da gente aprender a falar, nós somos falados –, os casais se formam sem se questionar sobre a monogamia que lhes é imposta. O desejo nos precipita ao escuro, ao desconhecido e à novidade³⁰, mas, justamente por conta da imprevisibilidade, torna-se também um produtor de angústia. E na tentativa de controlar tal ansiedade – tornando o amor “mais seguro” –, muitas vezes buscamos mecanismos que nos protegem dos “riscos” da mudança – de se permitir ser surpreendido. Sendo a estagnação e conformidade o maior risco de todos, pois nos levam ao langor da familiaridade: “a vida é uma constante oscilação entre a ânsia de ter e o tédio de possuir”³¹. Então, a principal ideia trabalhada até aqui diz respeito a aceitar as ambivalências do desejo, do ciúme, da infidelidade, dos outros em si e do eu na alteridade.

No fundo, qualquer tipo de relação vai esbarrar na castração, e por isso vai ter suas complexidades e dificuldades. Se sempre desejamos desejar, a insatisfação e a incompletude vão persistir, dentro e fora dessas relações. Ninguém é totalmente seu na monogamia, assim como

30 Esse artigo tenta parafrasear a máxima de Aristóteles: “desconhece-te a ti mesmo”. Quanto menos a gente se conhece, mais nos conectamos com o outro de nós mesmos, e com uma alteridade que não projeta nossas expectativas narcísicas. Em contrapartida, quanto melhor nos conhecemos, maior é a distância com o outro. Portanto, a diferença distancia tanto quanto reaproxima o casal. Ao quebrar com a idealização alheia e de si, entra-se mais em contato com o estranho que nos habita. Afinal, quanto mais conexão, mais diferença.

31 Supõem-se que a origem da frase seja o resumo de um trecho *O mundo como vontade e representação* (1818, p. 90): “como a essência do homem consiste em que sua vontade deseja, é satisfeito e deseja novamente, e assim indefinidamente, e como sua felicidade e bem-estar consistem apenas em que a transição do desejo à satisfação, e desta ao novo desejo, prossiga com rapidez, uma vez que a ausência da satisfação é sofrimento, e a do novo desejo, ansiedade vazia, *languor*, tédio; assim em conformidade contínua”. Para o neurótico, o desejo precisa de um certo impedimento, com sua existência sendo valorizada na ausência. A fantasia inconsciente exige drama no labirinto do quase, diferente da castração do “todo”. Tédio amoroso às vezes é defesa contra o real não idealizado: o amor que não nos tira do chão, mas oferece pouso.



ninguém é totalmente livre nas relações abertas. A discussão não é sobre qual modelo é mais livre, pois trata-se de escolher qual das liberdades e qual das prisões comportarão cada sujeito. A hipótese defendida aqui é que não existe relação 100% aberta ou 100% fechada, mas variações, brechas e pontos de fuga. Inclusive, um relacionamento em que alguma das partes se recusa a qualquer tipo de perda, flerta com a tirania. A grande questão é: até que ponto estamos dispostos a abrir? A não monogamia possibilita a escolha de novas narrativas, tornando-nos protagonistas de nossas próprias histórias. Então, ao escolher um determinado caminho, essa decisão nos abrirá outros caminhos, aos quais será requisitada nova escolha, que abrirá mais passagens, formando diversas aberturas como o das ramificações de uma árvore.

Referências

79% das mulheres já fingiram orgasmo e 63% gostariam de mais sexo. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 24 maio 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2023/05/5096874-79-das-mulheres-ja-fingiram-orgasmo-e-63-gostariam-de-mais-sexo.html>. Acesso em: 12 de Junho de 2026

AMORIM, P. M.; REIS D. B. Monogamia e identidade: considerações psicanalíticas. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. xxiii, n. 2, p. 35-43, maio/ago. 2020.

AMENO, A. *Função social dos amantes*: na preservação do casamento monogâmico. Minas Gerais: Autêntica, 2000.

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BIRNBAUM, G. E. *et al.* When your partner is being flirted: the impact of unsolicited attention on perceived partner desirability and mate retention efforts. *The Journal of Sex Research*, v. 62, n. 8, p. 1598-1611, 2024.

BLEGER, J. *Simbiose e ambigüidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

BUKOWSKI, C. *Numa fria*. [S. l.]: L&PM Pocket, 1983.

CAEIRO, A. *O guardador de rebanhos*. Lisboa: Ática, 1946

CAMÕES, L. *Amor é fogo que arde sem se ver*, 1595. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf> Acesso em: 13 de Junho de 2026

CAPOMACCIO, S. Agamia: a nova forma de relacionamento que vem crescendo entre os jovens. *Jornal da USP*, São Paulo, 2 maio 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/agamia-a-nova-forma-de-relacionamento-que-vem-crescendo-entre-os-jovens/>. Acesso em: 10 de Junho 2026



CORRÊA, F. O ódio em três textos de Freud: reflexões sobre ambiguidade, hostilidade e identificação. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 41, n. 77, p. 23-30, jun. 2019.

EUGENIDES, J. *A trama do casamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOLDENBERG, M. *Por que homens e mulheres traem?* São Paulo: Editora Best Seller, 2011.

GOLDENBERG, M. *A arte de gozar: amor, sexo e tesão na maturidade*. Rio de Janeiro: Record, 2023.

HERBENICK, D *et al.* Women's use and perceptions of commercial lubricants: prevalence characteristics. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 11, n. 3, p. 642-52, 2014.

ITO, C. Por dentro da não-monogamia. *Elástica*, [s. l.], 7 out. 2021. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/nao-monogamia-relacionamentos-fidelidade-machismo/>. Acesso em: 11 de Junho 2026

JOHNSON, D. M. *Great myths of intimate relationships: dating, sex, and marriage*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2016. (Great Myths of Psychology).

JORGE, M.A.C. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (A clínica da fantasia, v. 2).

KERNER, I. *As mulheres primeiro: um guia para os homens satisfazerem sexualmente as mulheres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

LACAN, J. *O Seminário: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. v. 7.

LACAN, J. *O Seminário: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. v. 20.

LACAN, J. O Simbólico, o Imaginário e o Real. In: LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 9-54.

LINS, R. N. *Novas formas de amar*. Rio de Janeiro: Planeta, 2017.

LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

MIOTO, R. Mais de 70% das mulheres nunca atingiram o orgasmo com seus parceiros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 ago. 2010. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ciencia/2010/08/778593-mais-de-70-das-mulheres-nunca-atingiram-o-orgasmo-com-seus-parceiros.shtml>. Acesso em: 10 de Junho 2026.

MEIRELES, C. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

PADILHA, V. 5 coisas sobre o divórcio que toda mulher precisa saber. *JusBrasil*, [s. l.], [2022]. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/5-coisas-sobre-o-divorcio-que-toda-mulher-precisa-saber/1450348770>. Acesso em: 12 de Junho de 2026.

PEREZ, S.; PALMA, Y. Amar Amores: O Poliamor na hodiernidade. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 30, p. 1-11, 2018.



PEREL, E. *Sexo no cativeiro*: como manter a paixão nos relacionamentos. Tradução Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PESSOA, F. *Poesias inéditas*. Lisboa: Ática, 1956.

PILÃO, A. C. Ativismos não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor ± relações livres. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 38, Rio de Janeiro, p. 1-24, 2022.

PILÃO, A. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, [Campinas], n. 44, 391-422, jan./jun. 2015.

PONTO G ‘não existe’, dizem cientistas britânicos. *BBC News Brasil*, [s. l.], 4 jan. 2010. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/01/100104_pontog_ba. Acesso em: 10 de Junho 2026

RELACIONAMENTO aberto é a escolha de 40% dos brasileiros. *Elastica*, [s. l.], 29 jul. 2022. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/estimulos/relacionamento-aberto-aumento-brasil-mulheres-tabu/>. Acesso em: 12 de Junho 2026

RÓS, L. OLIVEIRA, M. Traição no relacionamento: mulheres contam o que aprenderam ao ter amantes. *Universa Uol*, [São Paulo], 27 abr. 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/04/27/o-que-quatro-mulheres-aprenderam-ao-trairem-seus-parceiros.htm>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

SAFATLE, V. P. *Maneiras de transformar mundos*: Lacan, política e emancipação. São Paulo: Autêntica, 2020.

SAFATLE, V. P. Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política. *Estudos Avançados*, [São Paulo], v. 31, n. 91, p. 211-227, 2017.

SCHEEREN, P.; APELLÁNIZ, I. A. M.; WAGNER, A. Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres. *Temas em Psicologia*, [Ribeirão Preto], v. 26, n. 1, p. 355-369, mar. 2018.

SCHULTE, B. Por que casais gays se entendem melhor que os heteros. *Estadão*, São Paulo, 25 jun. 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/moda-e-beleza/por-que-casais-gays-se-entendem-melhor-que-os-heteros/>. Acesso em: 13 de Junho 2026.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: Editora Unesp, [1818] 2005.

SOARES, B. *Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, 1982.

SUY, A. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. São Paulo: Paidós, 2022.

ZICCARDI, V. V. Agamia: a nova forma de se relacionar que cresce entre os jovens. *O Globo*, [Rio de Janeiro], 9 abr. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/04/09/agamia-a-nova-forma-de-se-relacionar-que-cresce-entre-os-jovens.ghtml>. Acesso em: 13 de Junho 2026

